

Educação Antirracista em Perspectiva: SLAM, cultura marginal e práticas pedagógicas no Ensino Médio

Bruno José Medeiros ¹
Ismáira Da Silva Rosa Feijó ²
Victória da Silva de Oliveira ³
Alexandre Silva Virgínio ⁴

RESUMO

O presente artigo etnográfico teve como objetivo dar continuidade ao Projeto Antirracista desenvolvido com estudantes do Ensino Médio do Colégio Estadual Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, buscando aprofundar reflexões sobre racismo, desigualdades sociais e expressões culturais periféricas por meio da articulação entre educação e arte. A proposta fundamentou-se na compreensão da escola como espaço de produção de sentidos, identidades e reconhecimento de saberes historicamente marginalizados. Inicialmente, foram realizadas formações pedagógicas com os estudantes acerca da cultura marginal e do movimento SLAM, abordando seus aspectos históricos, sociais, políticos e estéticos, bem como suas relações com as juventudes periféricas e as lutas antirracistas. Essas formações tiveram como objetivo preparar os alunos para a compreensão crítica das linguagens artísticas e de seus potenciais educativos. Como culminância do projeto, foi organizado um evento escolar com a participação de três artistas regionais de SLAM, que realizaram performances poéticas e dialogaram com a comunidade escolar sobre a poesia marginal, suas temáticas sociais e suas conexões com vivências raciais, territoriais e identitárias. O referencial teórico-metodológico fundamenta-se nas contribuições de Paulo Freire acerca da educação dialógica e da valorização dos saberes populares, nos estudos sobre o SLAM enquanto prática cultural de resistência e nas reflexões de Stuart Hall sobre cultura, identidade e representação. A metodologia adotada foi de natureza qualitativa, baseada na observação da prática pedagógica, no registro das atividades desenvolvidas e na interação com os sujeitos envolvidos no processo educativo. Os resultados apontam para o aumento do engajamento discente, a ampliação do repertório cultural dos estudantes e o fortalecimento de debates sobre identidade, racismo e desigualdade social, contribuindo para a valorização de expressões culturais historicamente marginalizadas no contexto escolar e para a construção de uma educação mais crítica, inclusiva e socialmente comprometida.

Palavras-chave: Educação antirracista, SLAM, Cultura marginal, Ensino de Sociologia, Juventudes.

1 Graduando do Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, brujosmed@gmail.com;

2 Graduanda pelo Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS; ismairafeijo@gmail.com

3 Graduanda pelo Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, victoriasilva.contato2002@gmail.com;

4 Doutor pelo Curso de **Sociologia** da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, alexvirginio@ufrgs.br;



INTRODUÇÃO

O Colégio Estadual Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, localizado na zona leste de Porto Alegre, reúne crianças e jovens do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, constituindo-se como um espaço atravessado por diferentes trajetórias escolares. Nas turmas de Ensino Médio, as juventudes têm entre quinze e dezenove anos, período marcado por transformações pessoais e sociais voltadas à construção da identidade. Entre as/os estudantes dos anos finais, há a conciliação entre escola, trabalho formal e estágios.

Tendo em vista essas múltiplas responsabilidades experienciadas pelas juventudes, os desafios relacionados à permanência e ao engajamento na escola tornam-se questões centrais para a construção de práticas coletivas comprometidas com um projeto de escola inclusiva. Nesse sentido, torna-se fundamental pensar estratégias que reconheçam e valorizem os saberes das/os discentes, considerando suas trajetórias e diferentes formas de se relacionar com o conhecimento.

Nesse contexto, insere-se o Projeto Antirracista da Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul, lançado em 2022, do qual a escola faz parte enquanto instituição piloto desde o início de 2025. Voltado à promoção da equidade racial, ao reconhecimento das histórias e culturas afro-brasileira e indígena e ao combate a todas as formas de preconceito e discriminação, o projeto se articula com as práticas curriculares, as atividades extracurriculares e as ações de convivência escolar, tencionando práticas tradicionais de ensino.

O artigo etnográfico, nesse cenário, articula educação antirracista e práticas pedagógicas a partir de um diálogo com a cultura marginal, no contexto do SLAM. Cultura marginal, nesse sentido, refere-se a um conjunto de experiências produzidas por grupos historicamente posicionados à margem das estruturas hegemônicas de poder. A apresentação da temática do SLAM, inicialmente, articulou temas como linguagem informal, performance, oralidade e reflexões sobre os espaços públicos, por se tratar de uma experiência coletiva de disputa poética.

A partir dos anos 2000, no Brasil, o SLAM se constitui como um espaço democrático de fala, no qual diversas vozes resistem ao epistemicídio, tencionando silenciamentos históricos ao construir novas formas de narrar experiências. A inserção de práticas voltadas ao SLAM visa partir dos conhecimentos populares da turma, de modo que a escola não seja apenas um espaço de transmissão de conhecimento, mas também um espaço de escuta que valorize a organização coletiva e a expressão artística e política das juventudes.

As atividades propostas foram elaboradas de forma coletiva no núcleo de Sociologia, contando com a atuação de oito bolsistas do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID), além de um coordenador e uma supervisora, em um contexto de docência compartilhada. Os encontros, que ocorreram durante 3 aulas, foram organizados no modelo de rodas de conversa, e tiveram como temática a cultura marginal e aspectos históricos e políticos do SLAM, com ênfase no contexto brasileiro.

A atividade final foi organizada no auditório da escola. As/os docentes da escola acompanharam a divulgação da atividade e foram convidadas/os a participar, o que



proporcionou um ambiente de partilha entre docentes, juventudes, professoras/es em formação e poetas.

No dia três de julho de 2025, Bruno Negrão, Owleo e Primata colocaram-se à disposição para a simulação de um SLAM na escola, apresentando suas regras, aspectos históricos e trajetórias do SLAM da Restinga (organizado por Bruno Negrão) e do SLAM Alvorada (organizado por Owleo e Primata). Nesse momento, as/os bolsistas retiraram-se do centro da roda, abrindo espaço para que os artistas se sentissem mais confortáveis na condução da dinâmica.

METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como um relato de experiência de natureza qualitativa, de inspiração etnográfica, desenvolvido no contexto do Ensino Médio do Colégio Estadual Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, também conhecido como ‘CAJU’. A abordagem qualitativa foi adotada por possibilitar a compreensão aprofundada das práticas, interações e significados produzidos no ambiente escolar, especialmente no que se refere à articulação entre educação, cultura e identidade.

No que diz respeito aos caminhos metodológicos, a investigação foi estruturada a partir da observação participante das atividades desenvolvidas no âmbito do Projeto Antirracista na disciplina de Sociologia, pelo grupo PIBID supervisionado pela professora titular da disciplina. Durante três encontros com as turmas de 1º, 2º e 3º anos, foram trabalhados aspectos históricos de maneira crítica com os alunos, acerca da valorização dos tipos de conhecimentos e suas significações, traçando um paralelo entre vivência da cultura marginal em contraste com formas de saber legitimadas na sociedade. Como atividade final foi realizada uma simulação de SLAM no auditório da escola ensino médio e contemplou seis turmas do Ensino Médio, sendo duas de primeiro ano, duas de segundo e duas de terceiro ano. No decorrer desse artigo os poetas participantes são identificados por seus nomes artísticos, respeitando sua forma de inserção no campo cultural.

Nessas rodas, grande parte das/os discentes demonstrou curiosidade sobre a temática e maior familiaridade com batalhas de rima. A partir desses conhecimentos prévios, foram introduzidas as semelhanças e diferenças entre as duas formas de expressão. A divisão das rodas de conversa ocorreu ao longo de três dias. No primeiro dia, buscou-se compreender o repertório cultural das turmas e valorizar seus conhecimentos como ponto de partida para a atividade. No segundo dia, foram discutidas concepções relacionadas à cultura marginal. No terceiro dia, foi realizado um exercício de escrita poética, no qual as/os discentes experimentaram a construção de textos autorais.

Essa técnica permitiu o acompanhamento direto das práticas pedagógicas, incluindo os momentos de formação teórica sobre cultura marginal e movimento SLAM, bem como a culminância com a realização do evento escolar, com a participação de artistas convidados. As observações foram registradas em diário de campo, constituindo um dos principais instrumentos de coleta de dados, possibilitando o detalhamento das interações, dos discursos e dos níveis de engajamento dos estudantes.

Como técnica complementar, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os artistas participantes da roda de SLAM promovida na escola. As entrevistas foram conduzidas a partir de um roteiro previamente elaborado, contemplando questões sobre as trajetórias dos artistas, suas percepções acerca do SLAM enquanto prática cultural e política e suas experiências na interface entre arte, educação e enfrentamento ao racismo. A entrevista coletiva foi realizada



de forma on-line, e as informações foram registradas mediante autorização dos participantes, contribuindo para a ampliação das perspectivas analíticas da pesquisa.

Ademais, foram utilizados como instrumentos de coleta de dados os registros das atividades pedagógicas desenvolvidas ao longo do projeto, bem como as falas e manifestações dos estudantes, compreendidas como expressões de seus processos de aprendizagem e construção de sentido.

A análise dos dados foi realizada a partir de uma abordagem interpretativa, com inspiração na técnica de análise de conteúdo, buscando identificar categorias emergentes relacionadas ao engajamento discente, à ampliação do repertório cultural e às reflexões sobre racismo, identidade e desigualdade social.

REFERENCIAL TEÓRICO

Antes de adentrar nas discussões teóricas, faz-se necessário compreender o SLAM enquanto prática cultural e política. A poesia SLAM, ou simplesmente SLAM, constitui-se como uma forma de poesia falada, performática e competitiva, marcada pela oralidade, pela autoria e pela forte conexão com as vivências das periferias urbanas.

Surgido como um movimento de denúncia das múltiplas violências vivenciadas pelas juventudes periféricas e com o intuito de democratizar a poesia, o SLAM rompe com padrões tradicionais de produção literária ao valorizar a linguagem cotidiana, os corpos em cena e as narrativas de sujeitos historicamente marginalizados. Nesse sentido, destaca-se a centralidade das vozes negras na construção desse movimento, uma vez que o SLAM se consolida como espaço de enunciação de experiências atravessadas pelo racismo, pela desigualdade social e pelas disputas identitárias. Ao transformar vivências em linguagem, essa prática contribui para a construção positiva da identidade negra, tencionando estigmas e produzindo novas formas de representação.

Como aponta Lélia Gonzalez, a valorização das expressões linguísticas oriundas das culturas negras e periféricas é fundamental para romper com a lógica de inferiorização social, evidenciando que tais formas de linguagem são também espaços de resistência e produção de conhecimento. Nessa direção, autoras do campo dos estudos da linguagem, como Eni Orlandi, contribuem para problematizar a ideia de uma linguagem neutra e homogênea. Para a autora, “não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia” (ORLANDI, 2009, p. 17), o que implica compreender que toda forma de linguagem, inclusive aquelas marcadas por gírias ou palavrões, está situada historicamente e atravessada por relações de poder.

No contexto do SLAM, tais elementos linguísticos assumem potência estética e política, desafiando normas hegemônicas e afirmando outras formas legítimas de expressão. Manifestações como o SLAM e outras expressões da chamada poesia marginal não apenas ampliam o repertório estético da literatura, mas desestabilizam regimes de legitimidade que historicamente silenciaram vozes periféricas, negras e dissidentes. Ao ocupar espaços públicos e institucionais, como a escola, essas práticas reconfiguram o que pode ser dito, por quem e em quais condições, transformando a linguagem em arena de disputa e afirmação identitária.

O presente estudo ancora-se em uma perspectiva crítica da educação, compreendendo a escola como uma instituição historicamente situada e atravessada por relações de poder, desigualdade e disputa simbólica. Nesse sentido, a valorização dos saberes populares e das experiências concretas dos educandos constitui condição fundamental para a construção de



uma prática pedagógica emancipatória. As contribuições de Paulo Freire permanecem centrais, especialmente ao propor uma educação dialógica e problematizadora, que rompe com a lógica bancária. Para o autor, “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes” (FREIRE, 1996, p. 25), o que implica reconhecer os educandos como sujeitos portadores de conhecimentos legítimos, construídos em suas experiências sociais.

A educação deve possibilitar a leitura crítica da realidade, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 11). Tal concepção reforça a necessidade de práticas pedagógicas que partam das vivências concretas dos estudantes, especialmente daqueles historicamente marginalizados, promovendo não apenas o acesso ao conhecimento, mas sua ressignificação crítica.

Entretanto, para além da dimensão pedagógica, faz-se necessário compreender a escola enquanto instituição historicamente constituída no interior de um projeto social excludente perpassado por marcadores sociais de classe, raça, gênero e território. No contexto brasileiro, o acesso à educação formal esteve, por longos períodos, restrito às elites econômicas e, conseqüentemente, brancas. Ainda que a expansão do sistema educacional tenha democratizado o direito à educação e ampliado o acesso ao ensino, persistem as desigualdades estruturais que se manifestam nas condições de permanência, no currículo e nas formas de reconhecimento dos saberes.

É nesse ponto que as reflexões de Stuart Hall oferecem uma chave analítica potente. Hall compreende a cultura não como um conjunto fixo de valores, mas como um campo de produção de significados, no qual identidades são continuamente construídas, negociadas e disputadas. Hall afirma que “a representação é a produção de sentido por meio da linguagem” (HALL, 2016, p. 31). Assim, a representação ocupa um papel central nesse processo, uma vez que define quais sujeitos, práticas e narrativas são legitimados ou marginalizados no interior das estruturas sociais.

Essa compreensão permite problematizar o espaço escolar como um lugar que, historicamente, operou na reprodução de uma cultura hegemônica, frequentemente eurocentrada, branca e elitizada, em detrimento das múltiplas expressões culturais das populações periféricas e racializadas. Os currículos escolares, nesse sentido, tendem a privilegiar determinados repertórios culturais e formas de linguagem, silenciando ou deslegitimando outras formas de produção simbólica.

Assim, ao considerar os marcadores sociais da diferença (raça, classe, gênero...) evidencia-se que a escola não é um espaço neutro, mas um território de disputas, no qual determinadas identidades são historicamente subalternizadas. A incorporação de práticas culturais como o SLAM no ambiente escolar tenciona essas estruturas, ao introduzir outras formas de linguagem, estética e narrativa que emergem das vivências das juventudes periféricas.

O SLAM, nesse contexto, pode ser compreendido como uma prática cultural de resistência que atua diretamente no campo da representação, ao possibilitar que sujeitos historicamente marginalizados assumam o lugar de fala e produzam suas próprias narrativas. Ao adentrar o espaço escolar, essa prática desloca fronteiras simbólicas, questiona hierarquias culturais e amplia os horizontes de reconhecimento e pertencimento.

Dessa forma, a articulação entre educação antirracista, cultura marginal e práticas pedagógicas críticas permite não apenas ampliar o repertório cultural dos estudantes, mas



também tensionar as bases históricas e estruturais da escola enquanto instituição, contribuindo para a construção de um espaço educativo mais plural, inclusivo e socialmente comprometido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da sistematização dos dados produzidos por meio da observação participante, dos registros em diário de campo e das entrevistas semiestruturadas com os artistas convidados, foi possível organizar os achados empíricos em três categorias analíticas principais: (1) engajamento discente e participação ativa; (2) linguagem, expressão e disputa de sentidos; e (3) identidade, pertencimento e educação antirracista. Essas categorias emergiram do próprio campo, sendo construídas a partir das recorrências observadas nas falas, nas interações e nas produções dos estudantes ao longo das atividades desenvolvidas.

I. Engajamento discente e participação ativa:

Os dados evidenciam um aumento significativo no engajamento dos estudantes durante as atividades relacionadas ao SLAM, especialmente quando comparadas a práticas pedagógicas mais tradicionais. Ao longo das rodas de conversa e da atividade de escrita poética, observou-se maior participação oral, interesse pelas discussões e envolvimento coletivo nas propostas.

Durante a entrevista, essa dimensão aparece associada à ideia de conexão entre arte e experiência vivida:

Eu acho que, se eu pudesse definir tudo que eu falei, houve uma conexão, saca? [...] e se a escola abraça isso e faz esse trabalho, eu acho que pode gerar [...] gerou impacto. (PRIMATA, 2025).

Além disso, a percepção do impacto da atividade também se relaciona com o reconhecimento do espaço escolar enquanto ambiente de transformação. Nesse sentido, destaca-se a fala de outro artista:

Eu achei o colégio muito receptivo, e os alunos muito curiosos. [...] não é o meu texto por si só; é o porquê eu cheguei até o meu texto.” (OWLEO, 2025).

A fala evidencia que o engajamento não está apenas no conteúdo apresentado, mas no processo de construção das narrativas, aproximando os estudantes das experiências dos artistas. Esse movimento reforça a perspectiva de Paulo Freire, ao valorizar a experiência como ponto de partida para a aprendizagem.

II. Linguagem, expressão e disputa de sentidos:

No que se refere à linguagem, os dados indicam uma transformação significativa na forma como os estudantes passaram a se expressar, especialmente no uso de registros não normativos. A valorização da linguagem cotidiana aparece como elemento central tanto nas práticas pedagógicas quanto nas falas dos artistas.

Um dos relatos evidencia essa dimensão ao refletir sobre o impacto da atividade na escrita dos estudantes:



Só pelo fato de saber que a nossa ida ao território de vocês fez com que eles tomassem a liberdade de escrever da sua forma, já mostra que a gente fez algum tipo de diferença. (PRIMATA, 2025).

Essa “liberdade de escrever da sua forma” revela um rompimento com a rigidez normativa que tradicionalmente estrutura o ensino da linguagem na escola. Tal movimento pode ser compreendido à luz das contribuições de Eni Orlandi, ao afirmar que a linguagem é atravessada por relações de poder e que determinadas formas de expressão são historicamente legitimadas em detrimento de outras.

Outro trecho da entrevista aprofunda essa discussão ao abordar a dimensão performática e contextual da linguagem:

Às vezes, eu acho que é muito da percepção de entender quem é o público [...] tem uma galera que vai entender que aquela palavra está associada a um contexto.” (PRIMATA, 2025).

Esse excerto evidencia que a linguagem no SLAM não é apenas expressão individual, mas prática situada, construída na relação com o outro e com o contexto. A escolha de palavras, inclusive o uso de expressões consideradas “inadequadas” no espaço escolar, passa a ser compreendida como estratégia discursiva, e não como erro ou desvio. Nesse sentido, o SLAM tenciona as normas linguísticas hegemônicas ao afirmar outras formas legítimas de dizer o mundo, transformando a linguagem em espaço de disputa simbólica.

III. Identidade, pertencimento e educação antirracista:

As falas dos artistas evidenciam a centralidade das experiências periféricas e raciais na construção de suas trajetórias e produções. Um dos participantes afirma:

A gente está sendo empurrado para a margem, para a marginalidade. Mas há também uma outra cultura de resistência: a gente não quer apenas comida; a gente também quer arte.” (PRIMATA, 2025).

Essa dimensão estrutural da marginalização também aparece de forma crítica e reflexiva na fala de outro artista, ao relatar uma experiência vivida:

Perguntei por que não havia muitos alunos negros. [...] no ônibus tinha mais negros do que em toda a faculdade. Daí eu coloquei isso numa rima. (NEGRÃO, 2025).

O trecho evidencia como a experiência cotidiana do racismo é transformada em produção poética, operando como mecanismo de denúncia e elaboração crítica da realidade social. Tal processo se aproxima da noção de representação em Stuart Hall, ao compreender a produção de sentido como elemento central na construção das identidades.

Além disso, a relação entre arte, escuta e pertencimento aparece como elemento fundamental:

O Islã me atravessou, me acolheu e hoje faço parte de uma prática cultural que envolve educação, grafite e poesia.” (OWLEO, 2025).

A ideia de “acolhimento” evidencia o potencial do SLAM enquanto espaço de construção coletiva de pertencimento, especialmente para sujeitos historicamente marginalizados. Ao ser incorporado ao espaço escolar, esse movimento contribui para tensionar estruturas excludentes e ampliar possibilidades de reconhecimento.



Para além das dimensões pedagógicas e culturais observadas, os dados evidenciam que as experiências mobilizadas pelo SLAM no contexto escolar permitem explicitar a atuação do racismo estrutural como elemento constitutivo das desigualdades sociais no Brasil. Tal conceito refere-se a um sistema histórico e institucional que organiza oportunidades, acessos e reconhecimentos de forma desigual, atravessando espaços como a escola, a universidade e o mercado de trabalho. A fala de Bruno Negrão, ao relatar a discrepância entre a presença de pessoas negras no transporte público e sua ausência em uma instituição de ensino superior, ilustra como essas desigualdades se materializam no cotidiano, naturalizando processos de exclusão racial. Nesse sentido, ao transformar essas vivências em linguagem poética, o SLAM não apenas denuncia tais estruturas, mas também produz deslocamentos simbólicos, ao reinscrever sujeitos negros como produtores de conhecimento e protagonistas de suas próprias narrativas. Assim, a inserção dessa prática no espaço escolar contribui para tensionar o silenciamento histórico dessas experiências, promovendo uma educação antirracista comprometida com a leitura crítica da realidade e com a transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência etnográfica desenvolvida no Colégio Estadual Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior, localizado na zona leste de Porto Alegre, permite afirmar que a articulação entre educação antirracista e práticas pedagógicas fundamentadas na cultura marginal constitui um caminho potente para a resignificação do espaço escolar. Ao longo do processo, foi possível observar que a inserção do SLAM como prática educativa não apenas ampliou o repertório cultural das/os estudantes, mas também tencionou estruturas tradicionais de ensino que, muitas vezes, desconsideram os saberes produzidos nas periferias.

A realização das rodas de conversa, das atividades de escrita poética e, especialmente, do encontro com os artistas Bruno Negrão, Owleo e Primata, configurou-se como um momento de ruptura com a lógica escolar convencional. Ao deslocar o centro da aula para a escuta e para a expressão das juventudes, a escola passou a operar como um espaço de circulação de narrativas, experiências e identidades que historicamente foram silenciadas. Nesse sentido, a presença dos artistas não se limitou a uma apresentação cultural, mas se constituiu como um ato pedagógico e político, no qual diferentes trajetórias de vida dialogaram diretamente com os estudantes, produzindo identificação, pertencimento e reconhecimento.

A observação participante evidenciou que grande parte das/os discentes já possuía contato prévio com manifestações da cultura periférica, como as batalhas de rima, o que facilitou a aproximação com o SLAM enquanto prática estética e política. No entanto, o trabalho desenvolvido possibilitou um aprofundamento crítico dessas experiências, ao situá-las em um contexto mais amplo de luta contra o racismo, de afirmação identitária e de resistência cultural. Dessa forma, o conhecimento escolar passou a dialogar com o conhecimento vivido, promovendo um processo de aprendizagem mais significativo e engajado.

Os resultados observados ao longo da experiência indicam um aumento expressivo na participação das/os estudantes, bem como uma maior abertura para o debate de temas como racismo, desigualdade social e identidade. Esse engajamento não se deu de forma espontânea, mas foi construído a partir de uma prática pedagógica comprometida com a escuta, com o reconhecimento das trajetórias juvenis e com a valorização de suas formas de expressão. Tal movimento reforça a importância de pensar a escola não apenas como um espaço de



transmissão de conteúdos, mas como um território de produção de sentidos e de construção coletiva do conhecimento.

Nesse contexto, as contribuições de Paulo Freire mostram-se fundamentais para a compreensão da experiência analisada. Ao afirmar que “não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes”, o autor nos convida a reconhecer a legitimidade dos conhecimentos produzidos fora dos espaços institucionais e a construir práticas educativas baseadas no diálogo e na problematização da realidade. A experiência com o SLAM, no Colégio Caldas Júnior, materializa essa perspectiva ao promover uma pedagogia que parte da realidade das/os estudantes e que valoriza suas vozes como centrais no processo educativo.

Além disso, a atuação coletiva entre bolsistas do PIBID, docentes da escola e artistas convidados evidencia a potência da docência compartilhada como estratégia de construção de práticas pedagógicas mais horizontais e colaborativas. Essa articulação permitiu não apenas a diversificação das abordagens metodológicas, mas também a criação de um ambiente de aprendizagem mais sensível às questões sociais e raciais presentes no cotidiano escolar.

Por fim, conclui-se que a inserção do SLAM como prática pedagógica no contexto do Projeto Antirracista contribui significativamente para o fortalecimento de uma educação comprometida com a equidade e com a justiça social. Ao reconhecer e valorizar as expressões culturais das juventudes periféricas, a escola amplia suas possibilidades de atuação e se aproxima de uma perspectiva educativa que não apenas transmite conhecimento, mas também forma sujeitos críticos, conscientes e capazes de intervir em suas realidades.

Dessa maneira, a experiência vivenciada no Colégio Estadual Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior demonstra que a construção de uma educação antirracista passa, necessariamente, pelo reconhecimento das vozes historicamente marginalizadas e pela incorporação de práticas pedagógicas que dialoguem com as vivências concretas dos sujeitos. Mais do que uma atividade pontual, o trabalho com o SLAM aponta para a necessidade de uma transformação contínua das práticas escolares, orientada pelo compromisso com a inclusão, o respeito à diversidade e a valorização das múltiplas formas de produzir conhecimento.



REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. São Paulo: Cortez, 1989.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009.

NEGRÃO, Bruno. Entrevista semiestruturada concedida a Bruno José Medeiros no âmbito da pesquisa sobre educação antirracista e SLAM. Porto Alegre, 2025.

PRIMATA. Entrevista semiestruturada concedida a Bruno José Medeiros no âmbito da pesquisa sobre educação antirracista e SLAM. Porto Alegre, 2025.

OWLEO. Entrevista semiestruturada concedida a Bruno José Medeiros no âmbito da pesquisa sobre educação antirracista e SLAM. Porto Alegre, 2025.

